

Instituto de

Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro

instituto de arte contemporânea

Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro 1958

«A técnica científica tem progredido em nossos dias cegamente, implacavelmente, sem idéia nem objetivo, à maneira de uma onda de carros de assalto que tivessem perdido seus condutores. A razão principal está em que os homens que se preocupam com os valores humanos, que buscam tornar a vida digna de ser vivida, vivem ainda, em imaginação, no velho mundo pré-industrial.» (do discurso sobre o «Divórcio entre a Ciência e a Cultura»)

Bertrand Russell

«Uma civilização técnico-industrial, que não crescesse vinculada a uma intensa atividade artística, estaria ameaçada de deformar-se. O impacto da industrialização, sobre as atividades artesanais de conteúdo artístico, só pode ser compensado por um cultivo dos valores estéticos capazes de modelar a mão do tecnólogo e do operário, preservando características de singularidade e de beleza que de outro modo se perderiam.» (do discurso pronunciado por ocasião da inauguração da sede do Museu de Arte Moderna, do Rio de Janeiro, a 27 de janeiro de 1958).

Juscelino Kubitschek de Oliveira

A publicação deste folheto prende-se ao desejo de apresentar, em um plano mais amplo, informações de caráter geral sobre o Museu de Arte Moderna no Rio de Janeiro. O seu texto é simplesmente composto de resumos ou excertos de trabalhos já publicados na imprensa. Ao coordenar nesse sentido algumas idéias de base, tivemos somente o propósito de mostrar o alcance dessa notável iniciativa, que vem criar no Rio de Janeiro um núcleo de ação cultural capaz de influir decisivamente na orientação artística do país.

Os problemas que surgem da vida moderna conduzem-nos gradualmente a novas posições de espírito. Os receituários em matéria de arte, herdados de outras épocas, não satisfazem as exigências de um mundo em plena evolução, sob o signo da máquina. Cada vez mais acentua-se a tendência de substituição de valores de tipo acadêmico. Por isso mesmo, nessa conjuntura, questões de natureza cultural estão exigindo um tratamento em novas dimensões.

A criação do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro responde a essa necessidade. Abre caminho para soluções de relevância fundamental, especialmente nos setores técnicos. A arte moderna torna-se, de certo modo, um complemento indispensável às indústrias, com influência nos padrões de produção industrial e em sincronização com a época em que vivemos.

Grande mérito cabe à Dona Niomar Moniz Sodré, que, com devotamento pessoal, coordenou setores desconjuntados do antigo Museu, para dar-lhe um embasamento cultural mais adequado. Reuniu elementos de equipe, animados dos mesmos propósitos de renovação. E desde então, há cerca de seis anos, essa entidade veio se desenvolvendo num centro dinâmico, de articulação de estudos e de estímulo à atividade criadora de formas.

Com a inauguração da nova sede, parcialmente terminada, o Museu forma ambiente para uma estruturação racional de suas atividades. Constitui hoje um fórum para debate de idéias e tendências estéticas, ao mesmo tempo que executa, com segurança, um programa de construção educativa, para alargar conhecimentos aos níveis da experiência artística.

Estas notas, de natureza informativa, a respeito da obra que está se realizando, talvez dêem lugar a novas compreensões, de efeito favorável, e possam captar, em alguns setores nacionais, o apoio que essa entidade necessita para levar a cabo, integralmente, êsse empreendimento que serve aos altos interesses culturais do país.

Raul Bopp

Sumário

I A arquitetura do Museu de Arte Moderna

- 1 Conceito moderno de museu. Sua ação cultural. Estímulo à atividade criadora nos múltiplos aspectos da vida moderna.
- 2 A nova sede, em construção, do Museu de Arte Moderna, em uma área a beira mar.
- 3 A obra arquitetural e o ambiente físico que a envolve. Predomínio da linha horizontal.
- 4 Novo conceito de espaço arquitetural. A ausência de colunas no recinto das exposições proporciona maior flexibilidade para a apresentação das obras de arte.
- 5 Inconveniência das exposições apresentadas em recintos fechados. Condições para repouso intelectual. Espaço interior. Variedade na organização dos espaços.
- 6 Sistemas de iluminação, natural e artificial. Combinação dos dois sistemas permitindo uma aproximação da luz solar.
- 7 Notas complementares
Estrutura do edifício do Museu de Arte Moderna. Três blocos principais.
- 8 Bloco da Escola.
- 9 Bloco das Exposições.
- 10 Bloco do Teatro.

II Os jardins do Museu

- 11 Características de um parque a beira mar. Gramado e pavimentação. Composição de volumes vegetais. A palmeira real como elemento ordenador dos espaços.
- 12 Áreas de interesse para os visitantes. Terraços. Locais para exposições de esculturas ao ar livre.

III Escola Técnica de Criação

- 13 Conceito do Museu de Arte Moderna de acordo com as exigências renovadoras da época. Plano de ação do Museu no Rio de Janeiro.

No texto deste folheto figuram, em forma resumida, o estudo do plano arquitetônico da nova sede, do arquiteto Affonso Eduardo Reidy, e algumas notas sobre a construção do edifício, da Eng^o Carmen Portinho. Estão também incluídos alguns conceitos de Burle Marx sobre os jardins do Museu. O capítulo sobre os planos didáticos apoia-se especialmente num trabalho do Prof. Carlos Flexa Ribeiro. De Jaime Maurício, foram agrupadas várias notas extraídas do «Itinerário de Artes Plásticas», publicado no «Correio da Manhã».

- 14 Atual conjuntura econômica do Brasil. Passagem do ciclo agrícola e pastoril para uma etapa industrial. Equipamento para a era tecnológica. Antinomia entre arte e produção industrial.
- 15 Ensaaios da «Bauhaus» e da «Hochschule für Gestaltung». Iniciativa pioneira do Museu de Arte Moderna na América Latina.
- 16 Escola Técnica de Criação do Museu de Arte Moderna. Organização de um Centro de Pesquisas Culturais. Diretrizes fundamentais.
- 17 Curso Fundamental da Escola. Preparação intelectual e técnica.
- 18 Limitação de matrículas do Curso. Percentagem reservada para alunos estrangeiros. Bolsas de estudos.

IV Ligeiras notas cronológicas da vida do Museu

- 19 Período embrionário.
- 20 O Museu sob nova direção
- 21 Sede provisória na Rua da Imprensa.
- 22 Projeto de construção da sede própria. Área do atêrro na praia Santa Luzia.
- 23 Projeto do arquiteto Affonso Eduardo Reidy.
- 24 Início da construção da sede. Atividade cultural do Museu.
- 25 Associação dos Amigos do Museu em Nova York.
- 26 Inauguração da sede própria.

V Atividade cultural do Museu

- 27 Exposições de artistas estrangeiros.
- 28 Exposições de artistas brasileiros.
- 29 Exposições brasileiras realizadas no exterior.
- 30 Conferências e debates em mesa redonda.
- 31 Cursos temporários e cursos regulares.
- 32 Setor cinematográfico. Exibições de filmes de arte. A Cinemateca. Plano de «Festivais de Cinema».
- 33 Patrimônio de obras de arte do Museu.
- 34 Cursos do Museu. Professores brasileiros e estrangeiros. Novo atelier de gravura.
- 35 Seção de Relações Exteriores do Museu.
- 36 Publicações.
- 37 Dança, Teatro e Música.
- 38 Notas diversas, Sócios, Diretoria, Conselho Deliberativo, Enderêço do Museu.

I A arquitetura do Museu de Arte Moderna

1 **Conceito moderno de museu. Sua ação cultural. Estímulo à atividade criadora nos múltiplos aspectos da vida moderna.**

A ação cultural de um museu de arte não se exerce apenas através de suas coleções e dos cursos que ministra, mas estimulando a atividade criadora nos múltiplos aspectos da vida moderna. O Museu do Rio de Janeiro, concebido nos moldes de um centro de cultura contemporânea, com um amplo programa de realizações, veio de encontro aos problemas complexos de uma época em plena evolução. O Brasil necessitava possuir uma entidade dessa categoria para resolver problemas que se relacionam com a formação artística. Foi com uma rara inteligência que a nova diretoria, compreendeu essa necessidade e dedicou-se, com um ânimo inquebrantável, à realização desse empreendimento, capaz de ter reflexos profundos na vida artística nacional.

2 **A nova sede, em construção, do Museu de Arte Moderna, em uma área a beira mar.**

O edifício está sendo construído em uma área recentemente conquistada ao mar, numa extensa faixa próxima ao aeroporto Santos Dumont. Nessa área, além das novas pistas para o tráfego de automóveis, será formado um grande parque público, dentro do qual ficará situado o edifício do Museu de Arte Moderna.

Cercado de vegetação, rodeado pelo caprichoso contorno e desfrutando de uma espetacular vista sobre a baía de Guanabara, estará o Museu praticamente no centro da cidade, com a melhor acessibilidade que se poderia desejar.

A obra arquitetural e o ambiente físico que a envolve. 3
Predomínio da linha horizontal.

No estabelecimento do projeto tiveram grande influência o local e suas condições paisagísticas, estando sempre presente a preocupação de incorporar o edifício ao ambiente físico e de evitar que viesse a constituir um elemento perturbador da paisagem. Daí o partido adotado, com o predomínio da linha horizontal e o emprêgo de uma estrutura extremamente vazada e transparente, que permitirá manter a continuidade dos jardins até o mar.

Novo conceito de espaço arquitetural. A ausência 4
de colunas no recinto das exposições proporciona maior flexibilidade para a apresentação das obras de arte.

Com o desenvolvimento de novas técnicas de construção, modificou-se a noção de espaço arquitetural, dando lugar a estruturas independentes em plano livre. As paredes, liberadas de sua antiga responsabilidade estrutural, passaram a desempenhar, com uma liberdade nunca antes imaginada, o papel de simples elementos de vedação.

A ação eminentemente dinâmica do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, abrangendo as mais variadas manifestações de artes visíveis dos nossos dias, requer uma estrutura arquitetural que lhe proporcione o máximo de flexibilidade na utilização dos espaços, possibilitando o uso das grandes áreas ou a formação de pequenas salas, onde determinadas obras possam ser contempladas em ambiente íntimo.

Na concepção do edifício do Museu foram deixadas de lado as soluções habituais, em que os objetos são expostos dentro de uma monótona clausura. A solução procurada foi de obter um espaço fluente, com um sentido de continuidade; paredes externas substituídas por grandes superfícies de vidro; painéis leves e móveis em lugar de muros fixos.

5 Inconveniência das exposições apresentadas em 5
recintos fechados. Condições para repouso intelectual. Espaço interior. Variedade na organização dos 5
espaços.

O argumento de que uma galeria de exposições deva ser totalmente isolada do exterior, de modo a oferecer melhores condições de concentração ao visitante, tem fundamentos frágeis. A capacidade de atenção de um visitante a uma galeria de arte decairá rapidamente se não lhe forem proporcionadas condições de repouso intelectual, que revigorem a acuidade do seu interesse. A variedade na organização dos espaços, o contato visual com a natureza, através de grandes superfícies envidraçadas, uma inteligente disposição dos mostruários e objetos expostos, poderão neutralizar o cansaço decorrente de uma prolongada tensão, habilitando o visitante a conservar vivamente as impressões produzidas pelas obras contempladas.

6 Sistemas de iluminação, natural e artificial. Com- 6
binção dos dois sistemas, permitindo uma aproxima- 6
ção da luz solar.

O efeito produzido pela iluminação também atua sobre o estado de espírito do visitante. A iluminação de uma galeria de arte tem por objetivo não só fazer ressaltar o mais possível as qualidades dos objetos expostos, como também oferecer ao visitante condições de conforto, que o convidem a demorar-se na sua contemplação.

A iluminação natural confere um sentido de vida e movimento aos espaços, beneficiando as obras expostas de valores que a luz diurna proporciona. Por sua vez, a iluminação artificial é indispensável, não só para a noite, como para a exibição de objetos que possam ser prejudicados pela luz solar, como desenhos, tecidos, etc.

Tem também apreciável importância a qualidade da luz empregada. A luz incandescente é rica em raios vermelhos e alaranjados, que modificam o aspecto de certas cores. A luz fluorescente, por seu lado, provoca sensação de frieza e altera igualmente o aspecto das cores.

A combinação de ambas, porém, permitirá uma grande aproximação ao efeito da luz solar. Para o Museu de Arte Moderna foi projetado um sistema flexível: o teto da galeria de exposições será guarnecido com placas

translúcidas de um plástico de vinyl, as quais difundirão a luz emitida por tubos fluorescentes, proporcionando uma iluminação suave ao ambiente.

Notas complementares

Estrutura do edifício do Museu de Arte Moderna. 7
Três blocos principais.

A nova sede do Museu, parcialmente terminada, terá uma superfície de 36000 metros quadrados de construção. O seu custo está orçado em US\$ 8500000,00. Ao ser completada a sua construção, os serviços do Museu serão distribuídos em três grandes blocos: da Escola, já inaugurado, das Exposições e do Teatro.

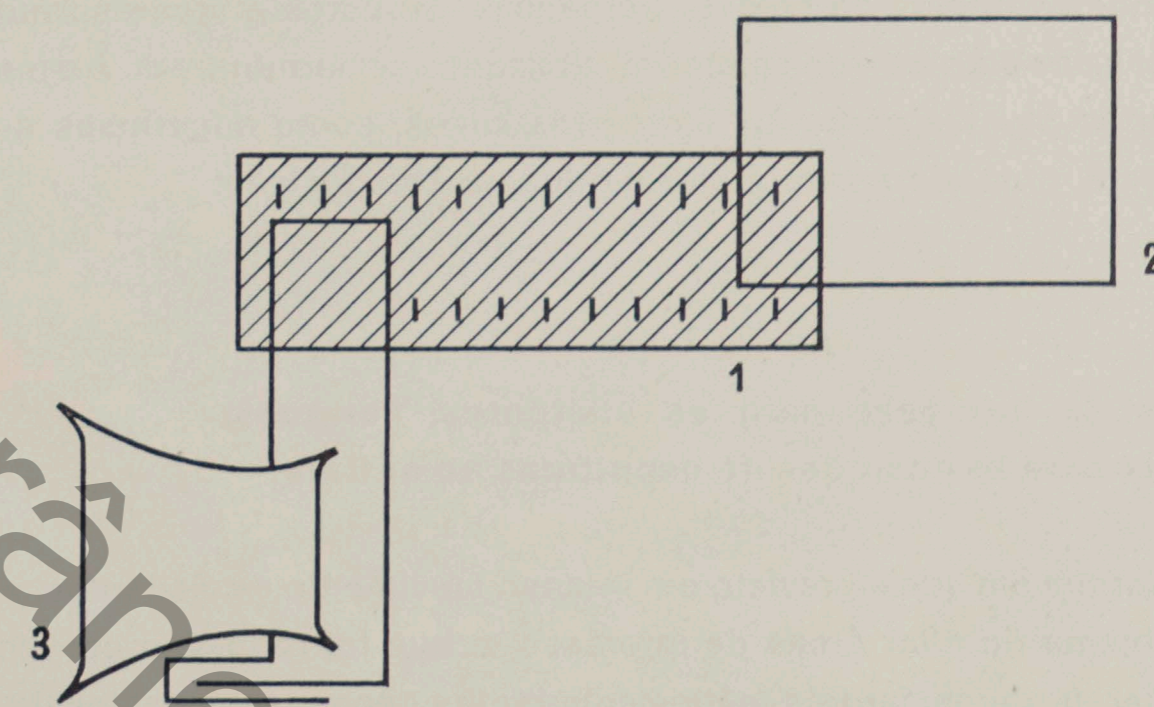
Bloco da Escola. 8

Está planejado para a primeira unidade abrigar no futuro o complexo da Escola de Criação, com um grupo de salas de aulas e ateliers, que serão, de preferência, localizados no primeiro e no segundo pavimento. A parte técnica do Museu será distribuída especialmente no vasto subsolo, com as oficinas de gravura, impressões gráficas, encadernação, fotografia, carpintaria especializada. Haverá também locais apropriados para armazenagem, catalogação e preparo de exposições. O restaurante, bar e cantina ficarão situados na parte térrea e no primeiro pavimento. Nos terraços e jardins serão realizadas exposições de escultura ao ar livre.

Bloco das Exposições. 9

A segunda unidade, cujas fundações estão terminadas e onde já se iniciou a preparação das estruturas de base, será ocupada pela Galeria das Exposições. Ficarão também situadas nesse bloco a biblioteca, sala de leitura, discoteca e um auditório, com capacidade de 200 pessoas, destinado especialmente a conferências, sessões experimentais de cinema, seleções e exames de filmes a serem projetados para todos os sócios, num auditório maior. As salas da diretoria e escritórios da administração também ficarão aí localizados.

O teatro, que constituirá a terceira unidade, está projetado com 1100 lugares e dotado das características mais modernas nesse gênero de construções: palco flexível para espetáculos ou representações teatrais e adaptável para concertos sinfônicos, conferências de grande público, etc. O urdimento do palco será movido elêtricamente, ficando situados no mesmo nível a sala do contra-regra, com os comandos electro-acústicos, cabinas de rádio e televisão. Na parte lateral do edifício, em comunicação direta com a área do palco, estarão os camarins individuais e coletivos, sala de maquilagem, de cenografia e para ensaios de balet. Os espectadores disporão de um grande hall, no pavimento térreo, ligado ao «foyer», que se prolongará para o exterior num amplo terraço-jardim. As entradas da platéia terão portas duplas, que se fecharão automaticamente ao ser iniciado o espetáculo. Os espectadores retardatários poderão ver e ouvir através de grandes vidraças, em ante-salas equipadas com alto-falantes. Estarão também localizadas, nessa unidade, o departamento de cinematoteca, com serviços subsidiários, arquivo de filmes, fotografias, etc.



1 Bloco das exposições 2 Bloco da Escola 3 Teatro

II Os jardins do Museu

Características de um parque a beira mar. Gramado e pavimentação. Composição de volumes vegetais. A palmeira real como elemento ordenador dos espaços.

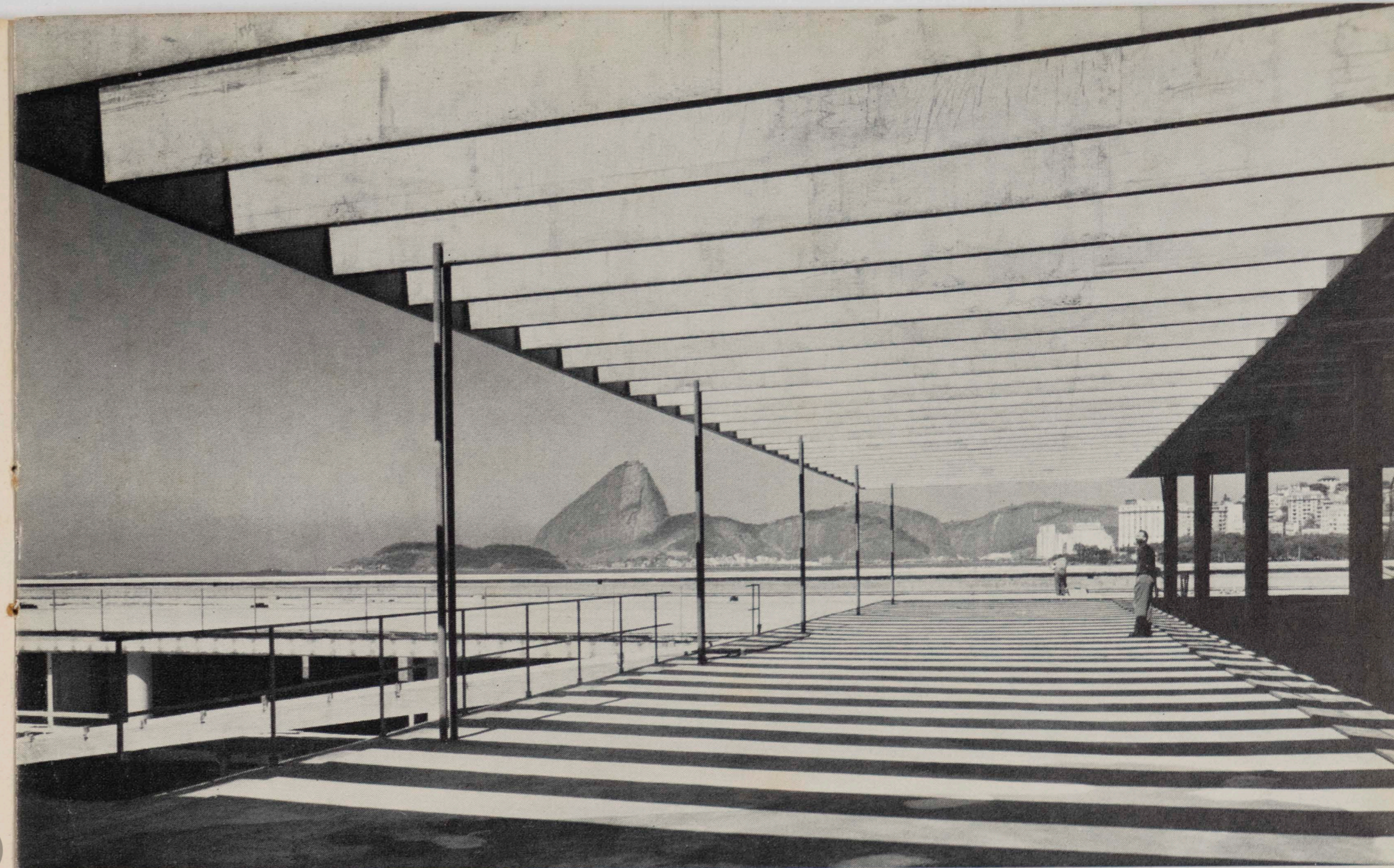
O ajardinamento do Museu tem sobretudo em vista a integração do mesmo à paisagem, com características de um parque a beira mar, que se estenderá do Aeroporto Santos Dumont ao Morro da Viúva.

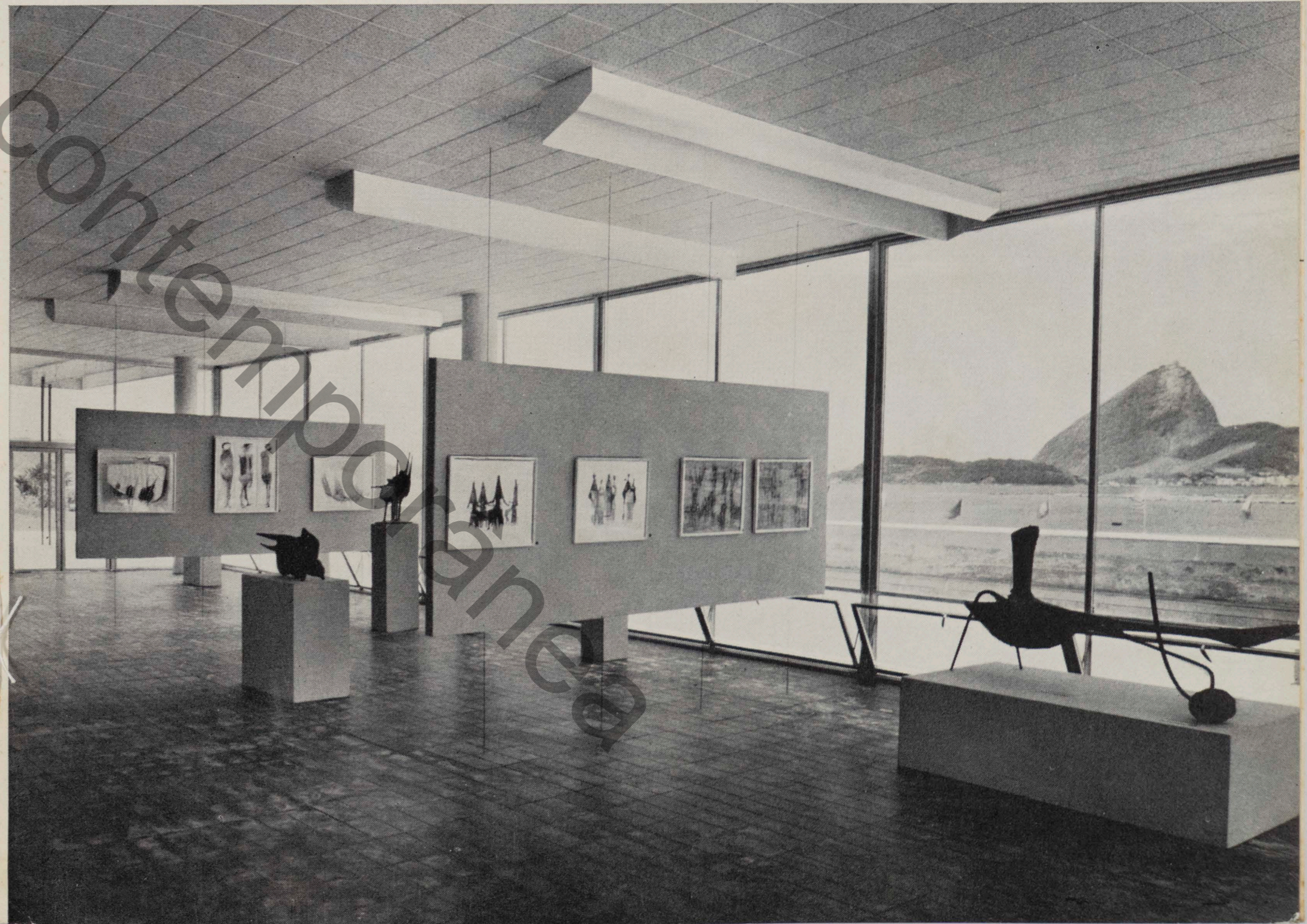
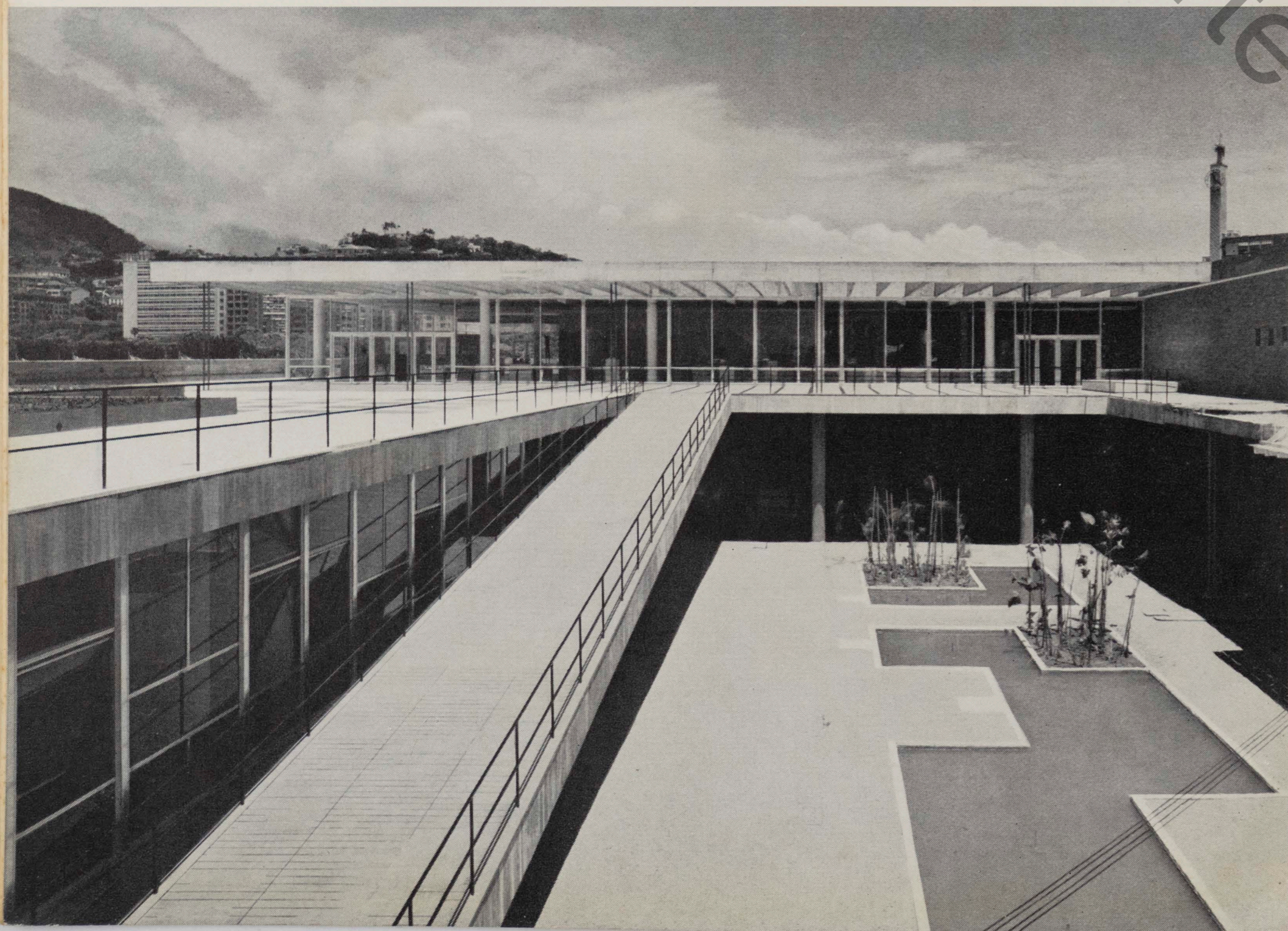
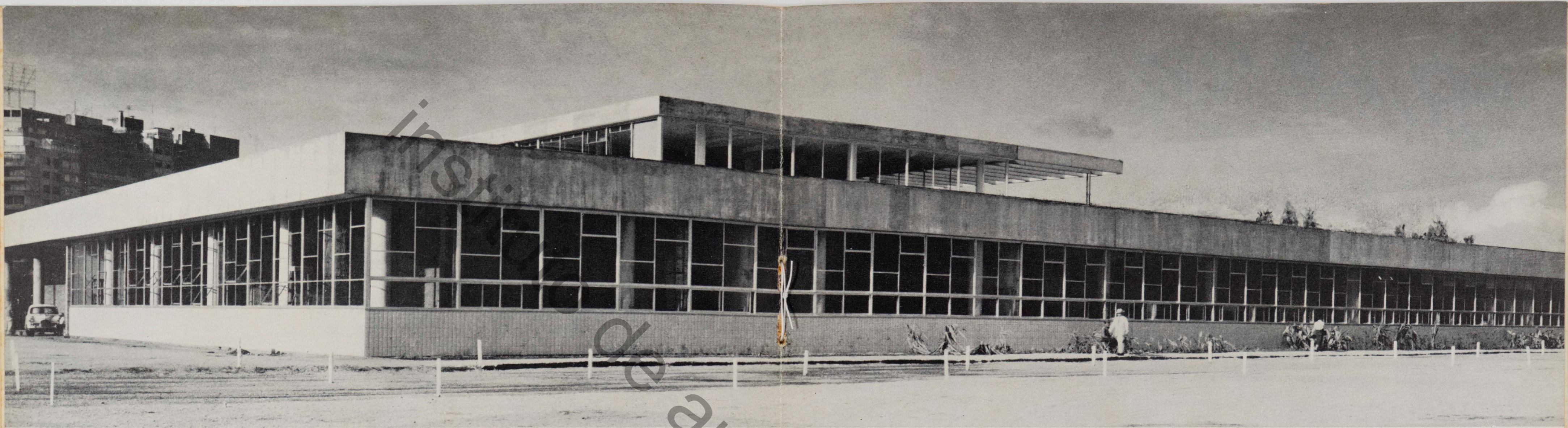
As áreas foram ordenadas visando criar limitações espaciais, demarcadas com volumes arquitetônicos. Como elemento básico de pavimentação, foram utilizadas lages de granito, de um padrão composto de faixas onduladas, róseas e brancas. O mesmo tema é retomado em superfícies de grama de duas tonalidades, a fim de dar maior unidade à composição. A palmeira real é usada como elemento ordenador, definindo os espaços, e oferecendo ao mesmo tempo um contraponto visual no sentido vertical. Procurou-se relacionar as superfícies de côr com os pequenos, médios e grandes volumes de plantas herbáceas, arbustos e árvores, onde as texturas das plantas e dos materiais utilizados se harmonizam. Ao mesmo tempo as plantas contarão, em certos casos, como superfícies de côr uniforme, obtendo assim maior nitidez na composição.

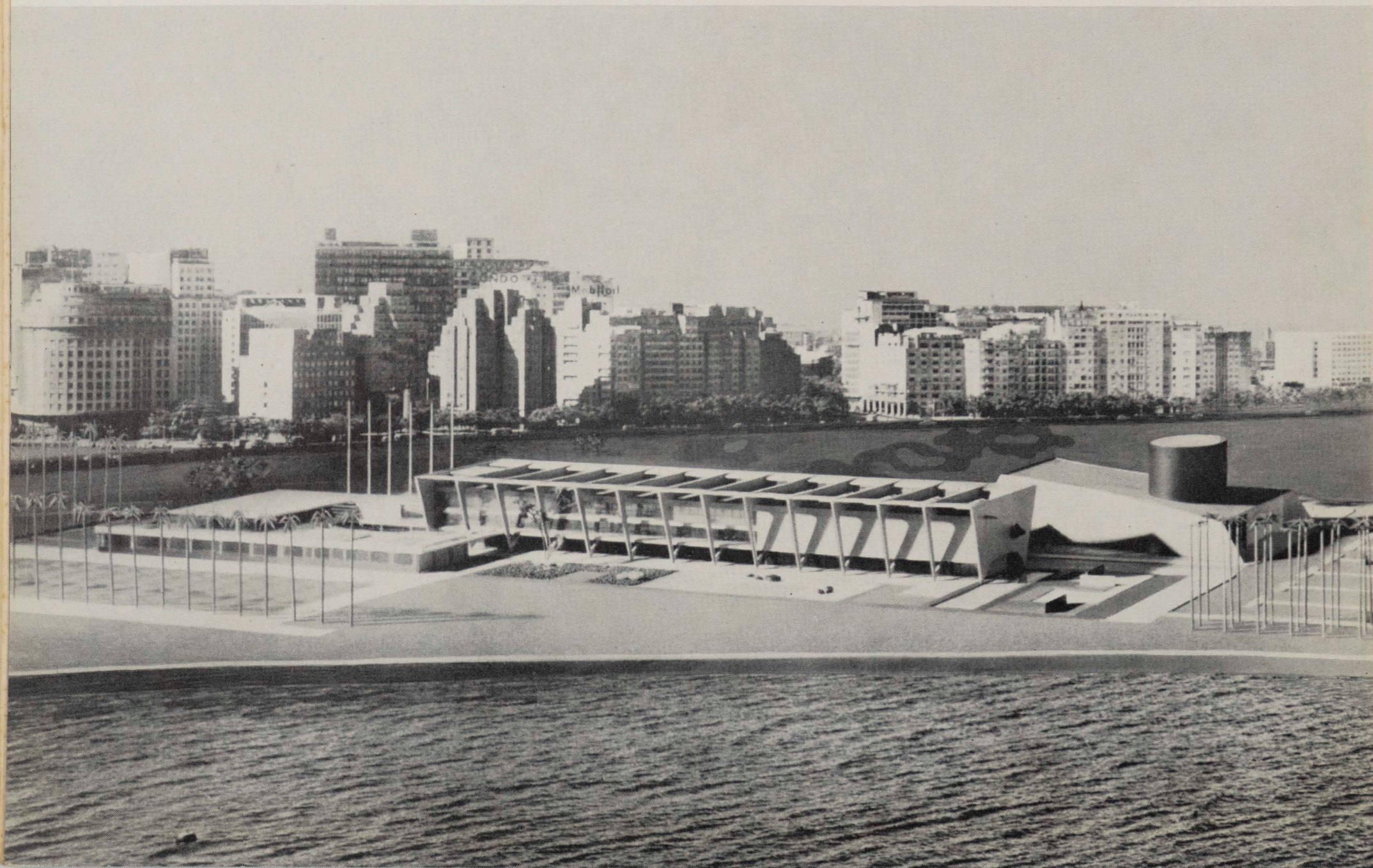
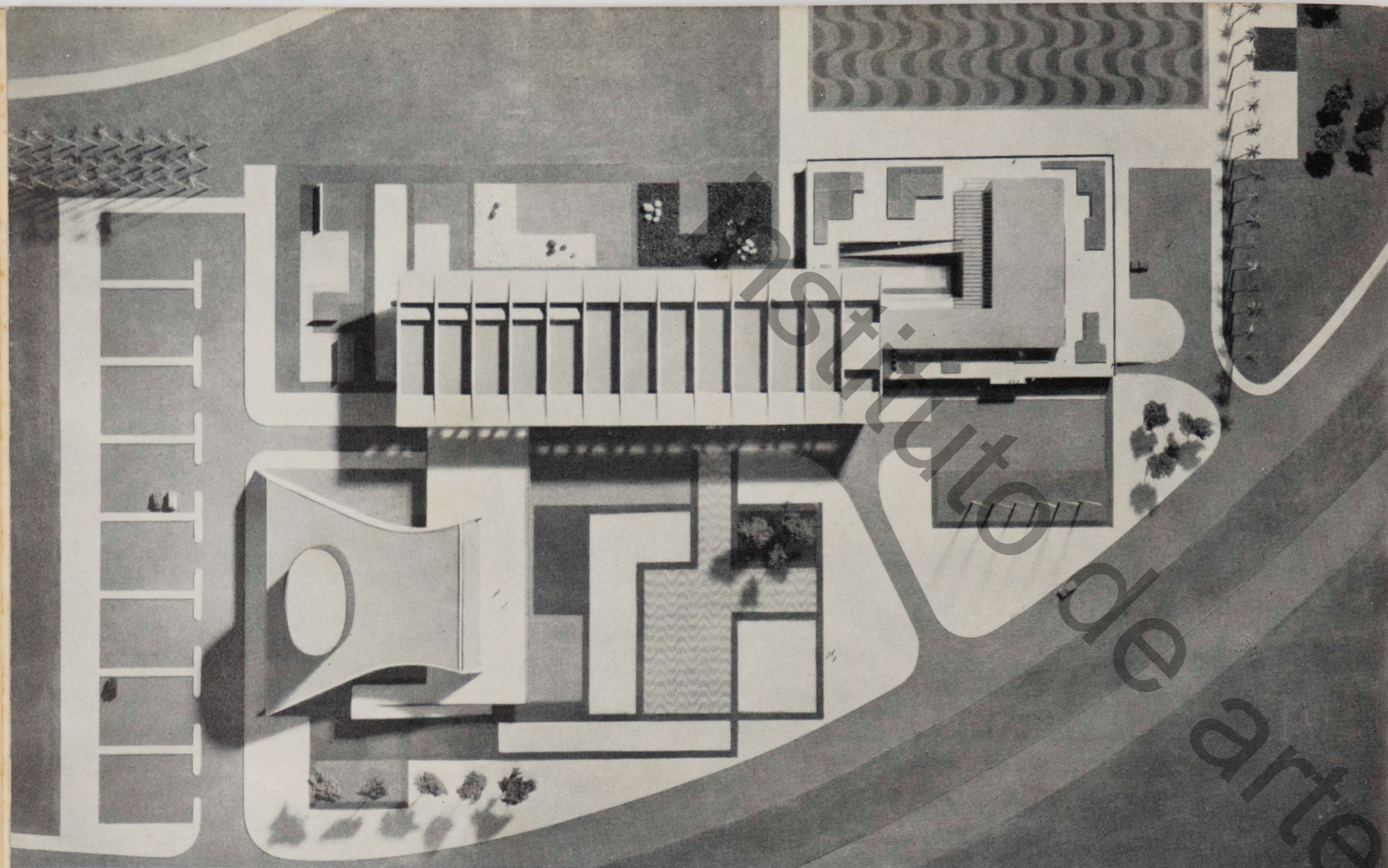
Áreas de interesse para os visitantes. Terraços. Locais para exposições de esculturas ao ar livre.

11

Num jardim em que é previsto um intenso movimento de visitantes, surge o problema de criar áreas de interesse, o que foi resolvido com locais de estar, terraços, jardins, pátios com fontes, repuxos d'água, locais para exposição de esculturas ao ar livre e amplos gramados que conduzem a vista para a baía, além do emprêgo de árvores que darão sombra e que, em determinadas épocas do ano, valorizar-se-ão pela sua floração.







III Escola Técnica de Criação

13

Conceito do Museu de Arte Moderna de acôrdo com as exigências renovadoras da época. Plano de ação do Museu no Rio de Janeiro.

É natural que certas instituições entrem em fase de transformação de seus conceitos e objetivos, por fôrça das exigências renovadoras da época. O Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, refletindo êsse estado de espírito, formulou seus planos no sentido de imprimir maior amplitude ao papel geralmente atribuído a instituições dêsse gênero. Além de um Museu ativo, não só pelas suas coleções, mas ainda pelo seu equipamento material, prevê-se nêle a organização de um centro cultural inspirado na idéia de desenvolver, no homem, qualidades artísticas e a atividade criadora de formas socialmente adequadas ao nosso tempo.

Ilustrações

Primeira página

Terraço com vista para o Pão de Açúcar.

Atêrro da praia de Sta. Luzia, onde se acha localizado o Museu.

Página central

Bloco da Escola, inaugurado em janeiro de 1958.

Rampa de comunicação interna.

Aspecto da galeria de exposições.

Última página

Planta dos jardins de Burle Marx.

Maquete do Museu, tendo ao fundo vistas da Cinelândia e Esplanada do Castelo.

Atual conjuntura econômica do Brasil. Passagem do ciclo agrícola e pastoril para uma etapa industrial. Equipamento para a era tecnológica. Antinomia entre arte e produção industrial. 14

Históricamente, o Brasil atravessa a fase mais acelerada do seu desenvolvimento material, contendo os riscos de uma orientação mal dirigida, que podem ocorrer em períodos de crescimento rápido. Trata-se, portanto, de uma conjuntura específica, cuja característica mais ostensiva reside na passagem de uma velha sociedade de estrutura econômica agrícola e pastoril para a sua etapa industrial.

Pelo país afora há um grande parque industrial que surge. Centenas de indústrias se criam, exigindo a preparação da mão do homem para a era tecnológica que se aproxima. É necessário que esses fatos não ocorram sem uma formação artística adequada. Não podemos dar as costas às tendências modernas de criar formas novas, descuidando da pesquisa de soluções plásticas, que resolvam a antinomia entre a arte e a produção industrial. Nos problemas que decorrem desse quadro é que se inspira a idéia de organizar-se um Museu, que seja também uma Escola.

Ensaio da «Bauhaus» e da «Hochschule für Gestaltung». Iniciativa pioneira do MAM na América Latina. 15

Esse programa, antes ensaiado em instituições como a «Bauhaus», em Weimar e em Dessau, e, depois da última guerra, experimentado na atual «Hochschule für Gestaltung», de Ulm, constitui iniciativa pioneira na América Latina.

Não se cogita, de modo algum, de uma tentativa de transplantação de determinado tipo de organização educacional estrangeira para o Brasil, mas sim da formação de um núcleo de preparação cultural, capaz de resolver problemas da nossa formação artística, sem contudo perder de vista as fecundas experiências realizadas em outros centros mundiais.

16 Escola Técnica de Criação. Organização de um Centro de Pesquisas Culturais. Diretrizes fundamentais.

A missão da Escola Técnica de Criação do Museu de Arte Moderna consistirá em atender a problemas que surgem do próprio crescimento do país, organizando um centro de pesquisas de cultura contemporânea, em bases educacionais inéditas no Brasil.

A natureza da ação dessa Escola está contida, em síntese, na idéia da educação integral de indivíduos, para realizar obra inovadora em dois sentidos:

- a) no domínio da comunicação entre os homens (desde o livro até a televisão);
- b) no domínio do equipamento material da vida moderna (desde os utensílios domésticos até a urbanização das cidades).

17 Curso Fundamental da Escola. Preparação intelectual e técnica.

O Curso Fundamental, cuja duração é de dois anos, tem por finalidade facilitar o primeiro contato com a concepção cultural e pedagógica da Escola e iniciar o aluno na teoria e na prática das disciplinas fundamentais da visão. É um curso intensivo, de preparação intelectual e técnica, cujo currículo se desdobra em três seções:

- a) iniciação visual (côr, superfície, construção, espaço, composição);
- b) métodos construtivos de representação (desenho técnico analítico);
- c) integração cultural, nome dado ao conjunto das matérias teóricas (metodologia, logística, morfologia, estética, sociologia, história cultural do século XX, história da técnica, antropologia cultural, semântica visual).

18 Limitação de matrículas do Curso. Percentagem reservada para alunos estrangeiros. Bolsas de estudos.

O Curso fundamental terá matrículas limitadas, reservando uma certa percentagem para alunos estrangeiros, especialmente da América Latina. A idade de admissão deverá oscilar entre 18 e 28 anos. Os cursos serão pagos, estando, porém, prevista a criação de bolsas para estudantes sem recursos, de provada aptidão artística.

IV Ligeiras notas cronológicas da vida do Museu

Período embrionário.

19

Em 1948, nasceu o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, por iniciativa de um grupo de entusiastas da arte moderna, tendo à frente, como seu primeiro Presidente, Raymundo de Castro Maya. Instalou-se numa das salas do último andar do Banco Boa Vista, por uma deferência do Barão de Saavedra. Nesse primeiro período, o Museu conseguiu reunir apenas algumas obras de arte. A sua repercussão no ambiente cultural foi limitada.

O Museu sob nova direção.

20

Em 1951, instada por elementos da antiga diretoria, a senhora Niomar Moniz Sodré assumiu a direção executiva do Museu. A partir de então, o Museu entrou numa fase de atividade crescente. Foi iniciada preliminarmente uma propaganda intensa para desenvolver o quadro social, que atinge presentemente a quase 8000 sócios. Os estatutos foram reorganizados, atendendo-se à necessidade de uma conceituação dinâmica do Museu, com finalidade educativa e em sincronização com as conquistas da era moderna.

Sede provisória na Rua da Imprensa.

21

A 15 de janeiro de 1952, o Museu inaugurou a sua sede provisória numa parte da área térrea do Edifício do Ministério da Educação. Foram apresentados, nessa ocasião, trabalhos de artistas premiados na Primeira Bienal de São Paulo e obras de artistas brasileiros.

22

Projeto de construção da sede própria. Área do atêrro na praia Santa Luzia.

Com a nova Diretoria, inteiramente recomposta, e com um Conselho Deliberativo de larga visão, tomou corpo a idéia da construção da sede própria, em proporções adequadas. O Museu entrou em luta memorável para conseguir uma área de atêrro na praia de Santa Luzia. Depois de exame detido a Câmara Municipal votou uma lei, concedendo à instituição uma área de 40000 metros quadrados.

23

Projeto do arquiteto Affonso Eduardo Reidy.

O arquiteto Affonso Eduardo Reidy entregou-se ao estudo do projeto para a construção da nova sede, que seria constituída de três grandes blocos inter-comunicantes: Exposição, Escola e Teatro. Empreendeu-se, em seguida, a grande campanha financeira, com o objetivo de reunir meios para ser iniciada a construção.

24

Início da construção da sede. Atividade cultural do Museu.

A 9 de janeiro de 1954, com a presença do Presidente da República, Sr. João Café Filho e altas autoridades, foi cravada solenemente a primeira estaca da sede do Museu. A construção tomou um ritmo acelerado, enquanto na sede provisória e nos barracões do atêrro intensificaram-se as atividades do Museu, com cursos regulares e de caráter temporário, séries de conferências e debates em mesa redonda sôbre temas e controvérsias de arte. A sede provisória da Rua da Imprensa 16-A transformou-se, no maior centro de interêsse artistico do Rio de Janeiro. Organizaram-se exposições nacionais e internacionais, no Brasil e no exterior.

Da viagem que o 2º Vice-Presidente e a Diretora Executiva fizeram aos Estados Unidos da América, resultou a fundação, de uma Associação dos Amigos do Museu de Arte Moderna no Rio de Janeiro, cujo Presidente é o industrial americano Snr. William A. Burden, que é também Presidente de Museu do Arte Moderna de Nova York.

A 27 de janeiro de 1958, com a conclusão do primeiro bloco da construção, inaugurou-se oficialmente a nova sede. O Presidente da República, Sr. Juscelino Kubitschek, que é também, desde 1952, um dos componentes do Conselho Deliberativo da instituição, acompanhado de membros do Governo, prestigiou a solenidade, inaugurando as novas instalações do Museu. O discurso que o Primeiro Magistrado da nação pronunciou nessa ocasião foi uma bela síntese da orientação artística do seu governo. Foram, em seguida, abertos ao público os salões, onde estavam expostos o conjunto de obras que fazem parte do patrimônio do Museu, trabalhos do pintor inglês Ben Nicholson e de nove escultores britânicos contemporâneos.

Durante os seus seis anos de existência, o Museu realizou inúmeras exposições de artistas estrangeiros, destacando-se entre as mais significativas as seguintes:

«Gravuras de Goya», «Misérere de Rouault», «Artistas modernos argentinos», «Gravadores iugoslavos», «Kokoschka», «Artistas modernos italianos», «Artistas modernos de Israel», «Lurçat», «Domela», «Grupo Espace de Paris», «Edouard Goerg», «Exposição Cubista», «Flexor», «Litografias de artistas ingleses», «Fernand Léger», «Artistas canadenses», «Arte alemã contemporânea», «Tapeçarias abstratas», «Gravadores contemporâneos holandeses», «Artistas peruanos», «Gravuras e desenhos de Stanley William Hayter», «José Costigliolo e Maria Freire», «Tapetes de Lucrecia Moyano Muñiz», «Ben Nicholson», «Teatro da Áustria», «Arte esquimó do Canadá», «Ballet Triádico de Oscar Schlemmer».

Foram realizadas, até agora, exposições retrospectivas dos seguintes artistas brasileiros, mostrando trabalhos característicos de cada um nos seus diferentes períodos: «Exposição de artistas brasileiros», «Portinari», «Alberto da Veiga Guignard», «Di Cavalcanti», «José Pancetti», «Grupo Frente», «Cicero Dias», «Roberto Burle Marx», «Maria Martins», «Tapeçaria de Genaro de Carvalho», «Alfredo Volpi», «Livio Abramo», «Milor Fernandes», «Goeldi».

Exposições brasileiras realizadas no exterior.

29

Entre as mostras enviadas pelo Museu ao exterior, destacam-se as de Arquitetura Moderna do Brasil, que foi exibida nos principais centros europeus; a exposição de Arte Infantil brasileira, realizada em Tóquio, Washington, Paris e Neuchâtel; as exposições de Gravura e Desenho, também de caráter itinerante, que foram mostradas em várias cidades da Europa e Canadá; as exposições coletivas de artistas brasileiros, em Paris, Milão, Neuchâtel e Caracas; e, finalmente, a grande mostra «Arte moderno em Brasil», que foi o maior e o mais completo conjunto de obras de arte brasileira enviado para o exterior. Essa exposição, patrocinada pelo Itamaraty, apresentou-se, em 1957, em Buenos Aires, Rosario, Santiago de Chile e Lima.

Conferências e debates em mesa redonda.

30

O Museu já promoveu numerosas conferências e debates em mesa redonda de artistas, críticos e educadores brasileiros e estrangeiros. Entre êstes, tiveram grande repercussão palestras pronunciadas no Museu por Bernard Dorival, Cesar Domela, Hanna Beck von Rath, Jean Cassou, Lurçat, José Limón, Joseph Czapsky, Max Bill, Romero Brest, Tomás Maldonado, Tomaz Santa Rosa, Henrique Mindlin, Fayga Ostrower, Carlos Flexa Ribeiro, Mario Pedrosa, Pedro Correia de Araujo, Sanson Flexor, Ladislav Segy, Mario Schemberg, Jacques Lassaigue, Lawrence A. Fleischman, Osvaldo Goeldi, Livio Abramo, Ana Letycia e Darel Valença.

Cursos temporários e cursos regulares.

31

Enquanto se trabalhava na construção da sede definitiva do Museu, funcionaram num dos barracões do atêrro diversos cursos, uns de caráter temporário, outros de caráter regular, como o curso livre de pintura para adultos; pintura para crianças; curso básico de desenho, de iniciação e orientação; de desenho estrutural; de composição e análise crítica; curso de decoração de interiores, com uma média de 300 alunos por ano.

32

Setor cinematográfico. Exibições de filmes de arte. A Cinemateca. Plano de «Festivais de Cinema».

O Museu realizou um intenso programa de atividades cinematográficas, possibilitando ao seu quadro social um contato não só com a atualidade do cinema, mas também com a sua história, através da exibição de filmes «clássicos» de tôdas as fases do desenvolvimento dessa arte. Alcançou repercussão especial o Festival de filmes de Arte. O programa de exibições cinematográficas continuará a ser realizado na sede da Associação Brasileira de Imprensa, até que esteja pronta a segunda unidade, com o seu próprio auditório. O plano da Cinemateca, nos moldes das congêneres européias e americanas, está sendo estudado cuidadosamente. O cinema do Museu está com um vasto programa para ser executado em 1958 e 1959, inclusive os Festivais do cinema americano, inglês, francês e italiano. Está prevista, também, a preparação de filmes sôbre arquitetura, pintura e outros domínios das artes plásticas brasileiras, para serem exibidos por ocasião de exposições no exterior.

33

Patrimônio de obras de arte do Museu.

O patrimônio de obras de arte, apesar das dificuldades da atual fase de construção da sede própria, tem crescido em número e em qualidade. O Museu, não só tem procurado enriquecer a sua coleção inicial, adquirindo peças de arte em boas oportunidades, como também obtido, por doação dos seus sócios, alguns trabalhos de grande importância. O Museu registra atualmente, entre outras, obras de: Albers, Agam, Ajmone, Arnal, Arp, Baziotes, Bertrand, Bissière, Blanchard, Brancusi, Brauner, Borés, Edith Behring, Campigli, Carybé, Carra, Castelo Branco, Ceschiatti, Mario Cravo, Cicero Dias, Lygia Clark, Coutaud, Couturier, Dalí, Déa Lemos, Dellavalle, Di Cavalcanti, Dubuffet, Domela, Dumesnil, Duffaut, Elisa Martins da Silveira, Max Ernst, Fautrier, Fernandez, Fayga Ostrower, Flávio de Carvalho, Gerzso, Giacometti, Gleizes, Goeldi, Goldring, Granell, Guignard, Hartung, Heitor dos Prazeres, Henrique Oswald, Hlitho, Inimá de Paula, Kandinsky, Paul Klee, Eugenie, Kupka, Lardera, Lassaw, Laurens, Lazzarotto, Léger, Leiner, Lhote, Lipchitz, Livio Abramo, Lula Cardoso Ayres, Lansky, Magnelli, Magritte, Manes-

sier, Marchand, Marino Marini, Aldemir Martins, Maria Leontina, Mary Vieira, Maria Luisa Pacheco, Margaret Spence, Maria Martins, Mathieu, Matta, Matisse, Max Bill, Metzinger, Miró, Moore, Morandi, Motherwell, Munari, Meloni, Michel Seuphor, Nay, Pougny, Nicholson, Emil Nolde, Palazuelo, Palatnik, Ismael Nery, Paula Machado, Pedro Correia de Araujo, Picasso, Poliakoff, Pollock, Polly McDonnel, Portinari, Portocarrero, Antonio Prado, Rossini Perez, Rendon, Richier, Rivera, Rothko, Firmino Saldanha, Ione Saldanha, Santomaso, Segall, Serpa, Sirone, Siqueiros, Soldati, Soulages, De Stael, Steiner, Stamos, Sugai, Tamayo, Tancredi, Tanguy, Toyen, Ubac, Darel, Van Lint, Vera Bocayuva Cunha, Valtat, Vieira da Silva, Vickrey, Vivancos, Verdié, Vordemberger-Gildewart, Yl-len Kerr, Za-Wou-Ki, Zelia Salgado.

Cursos do Museu. Professores brasileiros e estrangeiros. Novo Atelier de Gravura.

34

O corpo docente do Museu terá professôres brasileiros em quase tôdas as disciplinas de integração cultural, mas está prevista também a vinda de alguns professôres estrangeiros, bem como chefes de oficina especializados em determinadas técnicas. Dentre em breve será, instalado um novo Atelier de Gravura, o mais moderno da América Latina.

Seção de Relações Exteriores do Museu.

35

O Museu tem em projeto criar oportunamente uma Seção de Relações Exteriores, para movimentar com mais facilidade assuntos de seu interêsse em diferentes países. Para isso seria organizado, gradualmente, na base de experiências pessoais, uma rede ativa de correspondentes (voluntários) que procurariam sobretudo atender a remessa de material útil para as atividades do Museu, como seriam recortes de jornais ou de publicações especializadas, com artigos, estudos críticos sôbre assuntos de arte moderna em geral; informações sôbre o movimento cultural do país, nos seus aspectos mais variados; catálogos, cartões ou albuns com reproduções de pinturas, etc.; coleções de «slides» coloridos de obras de arte moderna para foto-projeções em aulas ou conferências.

36

Publicações.

O Museu, embora ainda não possua instalado o equipamento gráfico previsto no seu programa, tem realizado publicações de diversos gêneros: catálogos para tôdas as exposições que tem promovido, boletins anuais de informação e boletins do setor cinematográfico. Publicou-se, além disso, a monografia de Antonio Callado, «Retrato de Portinari» e, em combinação com o Museu de Arte Moderna de Nova York, a tradução, em língua portuguesa, do livro «O que é pintura moderna», de autoria de Alfred Barr.

O Museu cogita também, em fase posterior, de dar início a uma publicação («Cadernos»), quinzenal ou mensal, para ser distribuída regularmente aos seus sócios e a outros endereços selecionados do país e do exterior. Os «Cadernos», de feição tipográfica atraente, divulgariam, de um modo condensado, ou em transcrições autorizadas, o que se publica nos centros culturais do mundo sôbre problemas estéticos contemporâneos. Publicaria também, da mesma forma, artigos de escritores nacionais e daria um amplo noticiário do movimento cultural em cada país, inclusive do Brasil (exposições, teatro, música, edições ou publicações de especial interêsse, cursos ou conferências de arte, polêmicas notórias, etc.).

A parte final dos «Cadernos» seria inteiramente consagrada às atividades do Museu (Exposições, visitas, doações ou contribuições, movimento do quadro de sócios, diretoria, aquisições de obras para o patrimônio, etc.).

37

Dança, Teatro e Música.

Conquanto até agora as atividades do Museu se tenham limitado ao terreno das Artes Plásticas e do Cinema, o prosseguimento das obras da sede definitiva permitirá, dentro em pouco, que se iniciem os trabalhos em outros setores, como o da Dança, do Teatro e da Música. Nesse sentido estão sendo elaborados cuidadosamente os planos de ação e assentados entendimentos prévios com elementos competentes nesses domínios da Arte.

Sócios

O Museu conta com diversas categorias de sócios: Beneméritos, Remidos, Efetivos e Contribuintes.

Diretoria

Presidente: Maurício Nabuco

Vice-presidente: João Carlos Vital

2º Vice-presidente: Aloysio de Salles

Diretor Executivo: Niomar Moniz Sodré

Diretor Executivo-Adjunto: Carmen Portinho

Diretor Secretário: Henrique E. Mindlin

Diretor Tesoureiro: Nelson Faria Baptista

Conselho Deliberativo

Afonso E. Reidy, A. Boulitreau Fragoso, Aloysio de Paula, Aníbal Machado, A. A. Moniz Vianna, Antonio Galloti, Assis Chateaubriand, Augusto Frederico Schmidt, Carlos Amélio de Figueiredo, Demóstheneis Madureira de Pinho, Francisco Matarazzo Sobrinho, Gustavo Capanema, Hélio Jaguaribe, João Soares Sampaio, Jorge Lacerda, Jorge Leão Ludolf, José Simeão Leal, Juscelino Kubitschek de Oliveira, Lauro Salazar Regueira, Leonídio Ribeiro, Maria Martins, Paulo Bittencourt, Paulo Carneiro, Pedro Pereira Filho, Raimundo de Castro Maya, Roberto Marinho, Rodrigo de Mello Franco de Andrade, Walter Moreira Salles.

Enderêço

Museu de Arte Moderna

Avenida Beira Mar

Caixa Postal 44

Enderêço telegráfico: Museuarmo

Rio de Janeiro D.F.

«O Museu de Arte Moderna precisa de mais ferro, mais cimento, mais dinheiro para completar a construção da nova sede.»

Niomar Moniz Sodré

